

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: O LÚDICO COMO UM CAMINHO ALTERNATIVO PARA O APRENDIZADO

Autora: Maria Roseilda de Lima Almeida; Co-autoras: Maria Erivaneide de Lima Santos; Risoleide Bezerra Cavalcante; Simone Marques da Silva; Orientador: José das Vitórias dos Santos.

Holding Britânia Unigrendal Corporate, roseildalima@bol.com.br

Resumo: Com o passar do tempo, a educação infantil foi adotando novas didáticas e adicionando novos métodos que facilitassem o aprendizado infantil. Na primeira metade do século passado, talvez nem se imaginasse que algo inerente à criança poderia auxiliar bastante no processo de cognição: o brincar. O ato de brincar foi objeto de estudo de grandes pensadores, tais como Freud, Vygotsky, Piaget, entre outros. Brincadeiras e brinquedos são atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança e favorecem o aprimoramento de algumas capacidades de socialização por meio da interação, da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. Mostrando-se como uma espécie de reprodução ou paródia inocente dos acontecimentos sociais vivenciados pelas crianças, as brincadeiras funcionam como um catalisador daquilo que por elas é absorvido. Desenvolver atividades com brinquedos e brincadeiras estimula a criança a possibilitar suas ações coerentes com as representações simbólicas. Com o brinquedo, a criança constrói suas relações com o objeto: relação de posse, de utilização, de abandono, de perda, de desestruturação. Partindo desse pressuposto, pode-se concluir que as brincadeiras podem, também, ser úteis instrumentos à disposição dos educadores, ora como recurso de transmissão de conteúdos didáticos, ora como forma de situar as crianças no contexto social no qual se encontram. O presente artigo tem como principais objetivos salientar a importância dos brinquedos e brincadeiras no processo de aprendizado da criança, mostrando o lúdico como caminho possível para o ensino da leitura na educação infantil. O texto enfatiza o papel que as brincadeiras exercem no processo de aprendizado infantil, quebrando a velha concepção de que o momento de brincar deve ser separado do momento de aprender.

Palavras-chave: Brinquedos e brincadeiras; Ensino infantil; Psicopedagogia; Lúdico.

INTRODUÇÃO

Além de um direito, a brincadeira possibilita à criança transformar todos os seus atos, ou seja, brincando a criança amadurece e enriquece suas possibilidades de compreensão do mundo, pois é através do lúdico que ela aprende, entre outras coisas, regras sociais de comportamento. Segundo Vygotsky (1992), o brinquedo é uma importante fonte de promoção do desenvolvimento.

Brincadeiras e brinquedos são atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança e favorecem o aprimoramento de algumas capacidades de socialização por meio da interação, da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. O objetivo dessa intervenção é fazer o aluno participar da elaboração das regras do grupo, brincar,

comunicar e relatar suas vivências em situações cotidianas, participar de brincadeiras que possibilitem valores e regras.

Analisando o tema exposto do ponto de vista pedagógico e neurodidático, far-se-á uma exposição da importância dos brinquedos e brincadeiras do processo de aprendizado infantil. O presente artigo tem como objetivos principais auxiliar no desenvolvimento da imaginação do aprendiz; realizar experiências e dividi-las reforçando o relacionamento pessoal; habituar-se a cumprir regras.



METODOLOGIA

O método *indutivo* fomentará as bases científicas do presente trabalho:

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.
(LAKATOS & MARCONI, 2003, p. 86)

Acompanhando o método indutivo, também foi utilizado o método *observacional*, tendo em vista as análises feitas em ambiente escolar e situações do cotidiano.

Quanto aos meios de investigação, a principal procedência é de cunho *bibliográfico*, onde foram feitas consultas à grandes obras científicas focadas no objeto deste estudo.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

BRINCAR É APRENDER

O universo infantil está presente em cada um de nós. As experiências da infância deixam profundas marcas em nossas vidas e mesmo sem sabermos disso, as trazemos nos gestos, nas falas, nos costumes. Tudo fica guardado: Os “bens e males” que vivemos fazem parte da nossa história pessoal e social, estando escondidas ou não em nossa memória. Os brinquedos integram esse leque de experiências vividas.

Brincar é mais que aprender... É uma experiência essencial, um modo de decidir como percorrer a própria vida com responsabilidade. Macedo (2006, p. 31). Cada brincadeira é um universo a ser descoberto, revivido, reaprendido. O faz-de-conta tem sentido mútuo e repleto de significados em nossa vida, principalmente na vida da criança. Ao brincar, as crianças desenvolvem algumas capacidades de socialização por meio da interação.

Seus conhecimentos provêm da imitação de alguém ou de algo conhecido, de uma experiência vivida na família, ou em outros ambientes, ou relato de um colega ou de um adulto, de cenas assistidas na televisão, ou narradas em livros, a partir daí ela entra em contato com o discurso cultural na sociedade.

Com relação ao emprego de brinquedos e brincadeiras em sala de aula, a escola garante em clima de prazer tanto para o educador como para o educando, pois a sala de aula é um espaço de encontro, de trabalho mútuo, contribuindo para a construção de conhecimentos e garantindo a motivação necessária para a aprendizagem.

Sava (1975, p. 14) diz que, o brincar na escola necessariamente motiva uma aprendizagem diferente e é caracterizado por maior fragmentação e por estar compactado em segmentos de tempo.

As brincadeiras são instrumentos de aprendizagem que ajudam a criança a se relacionar com os outros, adquirindo confiança e respeito mútuo. É através da ação que a criança exercita, atua, experimenta, introduz, lê e transforma sua realidade social.

Na concepção de Jean Piaget (1990), não existe conhecimento resultante do simples registro de observação e informações, sem uma estrutura devida as atividades do próprio sujeito. Em suas palavras, “inteligência é vista como um processo de sucessivas adaptações.” Desse modo, podemos considerar a atividade lúdica como uma ferramenta integrada no desenvolvimento do conhecimento, que permite que a criança se expresse e compreenda o mundo, no qual ela terá que transformar o que se apresenta a ela.

Brincar é, portanto, uma forma importante de intervenção no campo da saúde mental, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento da cognição da linguagem, da área motora e da área social da criança. Desenvolver atividades com brinquedos e brincadeiras estimula a criança a possibilitar suas ações coerentes com as representações simbólicas. Com o brinquedo, a criança constrói suas relações com o objeto: relação de posse, de utilização, de abandono, de perda, de desestruturação.

O termo brinquedo se refere à atividade, ao ato de brincar. O brinquedo cria a zona de desenvolvimento proximal da criança na criança, pelo fato de que, no brinquedo, a criança vivencia situações da vida real como se fossem maiores do que elas são na realidade.

Os momentos de jogos e brincadeiras devem se constituir em atividades permanentes nas quais as crianças poderão estar em condições também com temas relacionados ao mundo social e natural. O professor poderá ensinar jogos e brincadeiras de outras épocas às crianças e observar o que mudou em relação às regras atuais. Os jogos utilizados nas brincadeiras podem tornar-se um fenômeno cultural com múltiplas manifestações e significados que variam conforme a época, a cultura ou o contexto. Ao participar de jogos, a criança vai se conhecendo melhor, despertando o interesse e a curiosidade infantil.

NOVA CONCEPÇÃO SOBRE O PAPEL DAS BRINCADEIRAS

Houve um tempo em que era nítida a separação entre o brincar e o aprender. Os momentos de uma atividade e de outra eram separados por um rígido sistema e não se concebia que fosse possível aprender enquanto se brincava.

Essa idéia foi lentamente sendo substituída por outra que preconizava que existiam “brincadeiras apenas lúdicas” e que sua finalidade seria animar, alegrar e distrair, mas que existiam também algumas outras brincadeiras que poderiam ensinar um ou outro conceito, desenvolver esta ou aquela habilidade. A maior parte das pessoas adultas, distante dos novos estudos sobre a mente humana e a maneira como opera o conhecimento e se constrói comunicações, ainda pensa de outra maneira e, para essas pessoas, o brincar se distancia do aprender: não apenas existe nítida separação entre brincar e aprender, como é natural que devam existir brinquedos que alegrem e divertem e outros que sejam educativos.

Esses conceitos foram literalmente superados por tudo quanto hoje se conhece sobre a mente infantil e não mais se duvida que seja no ato de brincar que toda criança se apropria da realidade imediata, atribuindo-lhe significado. Em outras palavras, jamais se brinca sem aprender e, caso se

insista em uma separação, esta seria a de organizar o que se busca ensinar, escolhendo brincadeiras adequadas para que melhor se aprenda.

Brincando a criança desenvolve a imaginação, fundamenta afetos, explora habilidades e, na medida em que se assumem múltiplos papéis, fecunda competências cognitivas e interativas. Como se tudo isso já não fizesse do “ato de brincar” o momento maior da vida infantil e de sua adequação aos seus desafios. É brincando que a criança elabora conflitos e ansiedade, demonstrando ativamente sofrimentos e angústias que não sabe como explicitar. A brincadeira bem conduzida estimula a memória, exalta sensações emocionais, desenvolve a linguagem interior e às vezes, a exterior exercita níveis diferenciados de atenção e explora com extrema criatividade, diferentes estados de motivação. Ora, a aprendizagem e a construção de significados pelo cérebro se manifestam quando este transforma sensações em percepções e estas em conhecimentos, mas esse trânsito somente se completa de forma eficaz quando aciona os elementos essenciais do bom brincar que é, justamente, memória, emoção, linguagem, atenção criatividade, motivação e, sobretudo, a ação.

Brincando, as crianças constroem seus próprios mundos e dos mesmos fazem o vínculo essencial para compreender o mundo adulto, dão novo significado e reelaboram acontecimentos que estruturam seus esquemas de vivências, sua diversidade de pensamentos e a gama diversificada de sentimentos. As crianças mais estimuladas mostram-se mais felizes, mais amadurecidas emocionalmente e têm mais progressos em suas habilidades motoras e capacidade de expressão oral.

Brinquedos caros e professores despreparados constituem a equação que agride os fundamentos da aprendizagem e “jogam pela escada abaixo” todos os estudos e todos os progressos sobre a arte de brincar e o desafio de aprender.

Para Mussen (1982), brincar favorece a auto-estima, a interação com seus pares e, sobretudo, a linguagem interrogativa, propiciando situações de aprendizagem que desafiam seus saberes estabelecidos e destes fazem elementos para novos esquemas de cognição.

A criança não separa a idéia do brincar da idéia do aprender e, dessa forma, brincando e jogando, a criança constrói conceitos, explora sua criatividade, inventa e reinventa, transformando a realidade de seu entorno e de suas emoções.

FREUD E A PROJEÇÃO DA REALIDADE ATRAVÉS DAS BRINCADEIRAS

Do ponto de vista de Freud (1920), as crianças costumam criar uma representação daquilo que vivenciam na vida real, na forma de brincadeiras.

É claro que em suas brincadeiras as crianças repetem tudo que lhes causou uma grande impressão na vida real, e assim procedendo, ab-reagem à intensidade da impressão, tornando-se, por assim dizer, senhores da situação. (FREUD, 1920, p.76)

Costuma-se observar, no modo convencional de ensino, uma grande dificuldade por parte da maioria das crianças, seja por estarem pouco habituadas ao momento de aprendizado em sala de aula, seja pela dificuldade que surge a partir do momento em que ferramentas pouco atrativas para o aprendizado são usadas pelos professores, já que é comum se distrair facilmente durante a infância. Criando um modo de ensino através de uma brincadeira, esse problema deixaria de existir, pois o momento de aprendizado se tornaria atrativo para a criança e eliminaria a sensação de desprazer e de dificuldade, as tornando, como diria Freud (1920), “senhoras da situação”.

Se ignorarmos as necessidades da criança e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, nunca seremos capazes de entender seu avanço de um estágio de desenvolvimento para outro, porque todo avanço está conectado com uma mudança mais acentuada nas motivações, tendências e incentivos. (VYGOTSKY, 1999, p. 52)

Dar à criança autonomia e liberdade aliviaria a pressão que se cria em torno dela, seja essa pressão exercida pelos pais, pelo professor, ou até mesmo uma pressão criada pela própria criança em seu subconsciente. “Por outro lado, porém, é óbvio que todas as brincadeiras são influenciadas por um desejo que as domina o tempo todo: o desejo de crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem.” (FREUD, 1920, p.38)

Observa-se a todo tempo crianças imitando o modo de agir dos adultos. É comum ver uma criança tentando se maquiar, pintar as unhas e até mesmo usar os saltos da mãe, ou colocar a gravata e os sapatos enormes do pai. Esse poderia vir a ser um ponto utilizado pelos professores e pelos pais para despertar na criança o interesse por coisas que normalmente se aprende na escola.

Através de brincadeiras indicadas pelo professor, ou até mesmo elaboradas pelos próprios pais, a criança reforçaria em casa, de forma recreativa e dinâmica, coisas que normalmente aprendem na escola. Para isso, seria essencial que os pais demonstrassem o hábito da leitura e da escrita, deixando isso explícito para a criança, criando nela o desejo de imitá-los e abrindo espaço para o desenvolvimento das brincadeiras educativas.

A brincadeira, além de facilitar o aprendizado e torná-lo mais atrativo, cria representações da vida real. Isso se torna de extrema importância quando se trata de um ser humano em processo de formação da personalidade e que levará boa parte das experiências adquiridas na infância pelo resto da vida.

CONCLUSÕES

É fundamental considerar a necessidade de brincar da criança, sua principal atividade. Por meio dela, a criança descobre e organiza suas experiências tanto físicas quanto afetivas. A escola infantil deve garantir na proposta político-pedagógica, e na prática pedagógica dos professores, o direito da criança de brincar, imaginar, fantasiar, e assim, traduzir e recriar a realidade.

As atividades desenvolvidas em sala de aula devem ser práticas, porém observando atentamente às teorias que regem esse tipo de dinâmica, para a melhoria da prática pedagógica.

Todas as práticas feitas em sala de aula devem ser exercidas com exímia coerência, para que as crianças sejam cooperativas, críticas e criativas, autônomas e responsáveis, confiando nas suas próprias formas de agir e aprender, respeitando as dos outros.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**. Disponível em: <<http://lacan.orgfree.com/freud/textosf/alemdoprincipiodeprazer.pdf>>. Acesso em: 10 fev 2016.

KLEIMAN, Ângela B. “Projeto Coletivo nas Redes em Construção”. In: **Leitura e Interdisciplinaridade: Tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Louro de Oliveira. **Por que Piaget?** A educação pela inteligência. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MUSSEN, Paul. **O desenvolvimento pedagógico da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / MEC – Brasília: 1998.

Revista Educação Infantil: **Prioridade Imprescindível** / Celso Antunes – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 301.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

_____. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.